CONTOS ASSUSTADORES

ÍNDICE

07 – Casos arrumados;
12 – No subúrbio do Rio de Janeiro;
16 – Amigas de copo e de bar;
21 – Abidoral e a morte;
29 –O espírito e o corpo;
33 – Motorista de aplicativo;
36 – Amigos da juventude;
41 – Sempre às sextas feiras;
43 – A sorte é cega;
49 – Sexta-feira 13 de agosto;
55 – Aconteceu às 18 horas;
60 – Um dos sete filhos;
64 – Um conto misterioso;
70 – Visitas indesejáveis;
75 – Foi em Volta Redonda;
79 – O professor de matemática;

Agradecimentos

Sobretudo, agradeço a DEUS por me facultar inspiração nos meus momentos de devaneio;

Aos meus pais, que já se encontram em outra dimensão e que foram importantes nos meus ensinamentos;

Aos meus filhos: Kennedy, Alessandra e Renata, por fazerem parte da minha história;

Agradeço: Walquíria, Lia, Vinícius, Henriko, Bernardo, Elisa e Danilo que são sete rosas desabrochadas no jardim da minha estrada;

Ao prezado leitor que me deixa lisonjeado quando folheia meus livros, fato que me faz feliz, estimulando a continuar escrevendo.

Clóvis Oliveira Cardoso

Para Tânia Rosseli Ovçar Cardoso, mulher, amiga, companheira e minha eterna namorada, o meu carinhoso beijo.

"SENHOR, concedei-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar o que posso e sabedoria para avaliar a diferença".

"Seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já passou por ele antes de mim".

Sigmund Freud

Casos arrumados

Minha avó materna gostava de contar seus “causos” e como sabia que eu gostava de ouvir, pediu que eu sentasse para escutar mais um caso que aconteceu quando ela era menina. Disse que numa longínqua cidade do Brasil, precisamente no interior do Maranhão, havia um fazendeiro chamado Zé Bina, que tinha quatro filhas e já tinha escolhido marido para as duas mais velhas. Faltando apenas a Magnólia de 18 anos e a mais nova que era a Carmozina, apenas com 15 anos de idade. Ele nem sabia, mas a Carmozina era uma moça diferente e totalmente fora dos padrões da época. O ano era 1915. Outro grande fazendeiro daquela região era o senhor Rufino que tinha dois três filhos homens.

Dois já tinha se casado com as duas filhas do senhor Zé Bina. Um dos filhos que já tinha 28 anos, foi indicado para ser o marido da Carmozina quando ela completasse seus dezoito anos. Ao saber, ela ficou furiosa e disse que não achava graça naquele rapaz. Dizia que ele era muito caipira para seu gosto. O rapaz pensava que agradava, já que tanto seu pai como o pai da Carmozina, já conversavam sobre o seu casamento com a moça. Mas, Carmozina era uma moça imponderada e dizia que não.

Quando seu pai ficou sabendo que ela não tinha interesse no rapaz, começou a lhe ameaçar até a expulsar de casa se não lhe obedecesse quanto ao matrimônio com o filho do seu amigo Rufino.

Não querendo se casar com aquele rapaz, Carmozina armou uma fuga e escondida de tudo e de todos, como sabia onde seu pai guardava o dinheiro, pegou uma grande importância e uma bela manhã chuvosa, saiu sem que ninguém lhe notasse, encontrou com uma amiga Lucidalva que era solteirona e morava sozinha. Como já contava com seus 30 anos, juntou-se com Carmozina para fugirem da cidade. pegaram um ônibus que fazia o percurso daquela cidade até a capital São Luis.

Logo que chegaram, trataram de comprar uma passagem de avião com destino ao Rio de Janeiro. Naquela época não havia a facilidade que tem hoje. Tudo isso aconteceu no mais silêncio profundo e quando sentiram falta da Carmozina, ninguém sabe, ninguém viu. Como ela pegou uma grande quantia em espécie, o dinheiro daria para que as duas ficassem no anonimato por um bom período. Mas mesmo assim, cuidadosamente esconderam aquele dinheiro e foram à luta.

Arrumaram um emprego numa residência em Copacabana e o dinheiro que ganhavam dava para disfarçar encarando o custo de vida. O pior vem agora. Depois de vinte anos que estavam no Rio de Janeiro, Carmozina foi atropelada por um ônibus, enquanto, Lucidalva continuou comandando a situação com o dinheiro que Carmozina deixara. Na cidade de onde as duas saíram, as pessoas começaram a perceber algo diferente. Muita gente afirmou que esteve com a Carmozina por um espaço de um ou dois minutos. Outros diziam que ela falava que estava escondida na mesma cidade e que depois daria o endereço. Diziam para as pessoas que estava escondida porque não queria se casar com o filho do fazendeiro Rufino.

Dizia que ela almejava outros horizontes e aquela vida não lhe agradava. Falava essas coisas e sumia de repente, deixando apenas um perfume de rosas exalando pelo ar por um bom período. Como as pessoas relatavam que ela sempre aparecia na beira de um rio ao cair da noite, seu pai, por várias vezes foi até o local para fazer contato com a filha, mas tudo era em vão.

Ela aparecia para várias pessoas e nunca para ele. Ficaram sabendo ainda que a Lucidalva havia se casado com um soldado da Polícia Militar e que estava vivendo em um bairro do subúrbio carioca. Claro que as informações vinham do encontro das pessoas com a Carmozina.

Na beira daquele rio, sempre ao anoitecer. Várias pessoas foram abordadas por ela e quando lhe perguntavam ela afirmava que estava viva, mas sumia de repente, não mais que de repente. A cidade inteira vivia fazendo seus comentários, muita gente já andava assustada e outras pessoas incrédulas diziam que aquilo apenas se tratava de uma autossugestão de quem falava. Minha avó falou comigo que conheceu a Carmozina, a Magnólia, seus pais e também conheceu a amiga da Carmozina que era a Lucidalva.